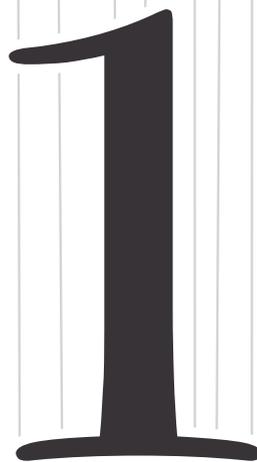


**De afetos, diferenças e superações:
Aids, subjetividades e transformação social
entre homens homossexuais em São Paulo**

*Affections, differences and overcomings:
Aids, subjectivities and social transformation
among homosexual men in São Paulo*

Gustavo Santa Roza Saggese

*Pós-doutorando em Saúde Coletiva (FCMSCSP) e
doutor em Antropologia Social (USP)
grsaggese@gmail.com*



Resumo

Baseado em um pequeno relato etnográfico e em três histórias de vida obtidas através de entrevistas em profundidade com homens homossexuais residentes na cidade de São Paulo, este artigo busca investigar experiências pessoais que dialogam com transformações sociais maiores no que diz respeito à homossexualidade masculina no Brasil. Entram em jogo, aqui, relações familiares, experiências afetivo-sexuais e a inserção em determinadas redes de amizade, além da emergência da epidemia de HIV/Aids na década de 1980, algo que impactou, sob diversos aspectos, as vidas desses sujeitos.

Palavras-chave: Homossexualidade masculina. Subjetividades. Transformação social. HIV/Aids.

Abstract

Based on a small ethnographic account and three life stories obtained through interviews with homosexual men from São Paulo, this article aims to investigate personal experiences that dialogue with major social changes regarding male homosexuality in Brazil. Here, family relationships, affective-sexual experiences and the insertion in certain friendship networks all come into play. In addition, I discuss the emergence of the HIV/Aids epidemic in the 1980s, which affected, in many ways, the lives of these individuals.

Keywords: Male homosexuality. Subjectivities. Social transformation. HIV/Aids.

Introdução

Agosto de 2013. Havia acabado de voltar de um congresso e estava preocupado porque ainda não comprara o sapato, item indispensável para o evento que me aguardava. Graças à indicação de uma amiga, fui até um *shopping* onde encontrei uma loja vendendo pares por 60 reais, valor irrisório para os padrões de São Paulo. Faltava apenas uma camisa social, que pegaria emprestado.

No dia seguinte, a difícil tarefa de vestir o terno. Em pouquíssimas vezes o havia feito e sempre me sentia ridículo. A gravata era um problema à parte: das outras vezes, meu pai estava por perto e ajudou a dar o nó. Felizmente, meu sogro se sensibilizou com a precariedade da situação e o deixou semipronto – bastava apenas que eu o apertasse logo antes de sair.

Um tanto desengonçado, peguei o metrô e desci algumas estações depois. Caminhei até o ponto combinado e Matheus¹ já estava à minha espera, acompanhado de seu ex-companheiro e Thomaz. Percebi que apenas eu vestia passeio completo, mas, como o convite não especificava o traje, preferi pecar pelo excesso. Como eu, os três pareciam entusiasmados e compartilhavam comigo a expectativa de assistir a um evento ainda inédito para todos. Era um casamento gay – mais precisamente, o casamento de Wilson.

Chegando ao local onde ele aconteceria, vimos outros convidados que entravam no prédio, um famoso edifício na região central da cidade. Entre eles, algumas senhoras muito bem apresentadas, que especulei serem parentes dos noivos – talvez tias? Não conhecia a mãe de Wilson, mas sabia que ainda era viva e dificilmente não estaria presente. Segurei minha curiosidade e segui calado até o espaço onde a cerimônia seria realizada.

Cumprimentei Wilson e seu futuro marido, de quem muito já ouvira falar. Logo que sentei, avistei Guilherme e Roberto – como Thomaz, dois interlocutores que havia entrevistado para a pesquisa –, mas o salão já começava a ficar cheio e preferi aguardar um pouco para conversar com eles. Ao longe, vi uma moça com uma criança de colo, que presumi serem a filha e o neto de Wilson. Ao lado da moça, uma senhora que ajudava com o bebê – a julgar pela semelhança física, tratava-se da avó, ex-namorada de Wilson.

Cerca de uma hora após nossa chegada, a cerimônia começou. Os quatro padrinhos já haviam se posicionado em seus lugares e foram convidados

¹ Optei, neste artigo, por utilizar pseudônimos para identificar as pessoas a quem me refiro. A fim de reforçar meu compromisso com seu anonimato, também não nomearei os locais mencionados por elas.

a proferir seus discursos. Um deles era Roberto, que se dizia lisonjeado por Wilson tê-lo chamado para ocupar uma função tão importante. Assim que as falas terminaram, perguntou-se se alguém mais gostaria de ir até a frente discursar, ao que convidados de ambos os lados corresponderam. Apesar da formalidade do ambiente, um clima descontraído predominava.

Finalmente, chegou a vez dos noivos. Além das já esperadas declarações mútuas de amor, ambos aproveitaram o momento para falar sobre o marco histórico que aquela união representava. Wilson fez um breve retrospecto sobre a possibilidade de casamento entre pessoas do mesmo sexo no Brasil, lembrando-se de quando o estado de São Paulo – e depois o Conselho Nacional de Justiça – passou a autorizá-lo². Foi curioso observar o comportamento do juiz de paz, que parecia, ele mesmo, um pouco surpreso em celebrar uma união homossexual. Provavelmente já havia um protocolo a ser seguido, mas não pude conter minha estranheza ao ouvi-lo declarar uma das partes “marido” e a outra, “esposo”. Mantendo a tradição, um beijo selou o compromisso.

Da cerimônia, seguimos para a festa, que seria realizada em um salão ao lado. Uma banda já se apresentava quando o casal, que havia se ausentado momentaneamente para fotografias, reapareceu, sendo recebido com aplausos. O espumante foi servido e todos levantaram suas taças para brindar ao amor dos dois.

Vi Guilherme em uma mesa na outra extremidade e levantei para finalmente conversarmos. Dei-me conta de que estava acompanhado pelo namorado e por isso decidi não me prolongar. Guilherme comentou que não havia conseguido segurar as lágrimas e disse a ele que eu também havia chorado. Voltando ao lugar onde meus acompanhantes estavam sentados, Thomaz e Matheus teceram comentários parecidos e concordamos que era impossível não se emocionar com a ocasião. Um rápido giro pelo salão permitia constatar que um sentimento coletivo de vitória pairava no ar – talvez mais forte entre os amigos gays do casal, mas também compartilhado pelos parentes e pelo número não desprezível de casais heterossexuais que se encontravam presentes ali.

Thomaz levantou-se para dançar e passei bastante tempo conversando trivialidades com Matheus. Algum tempo depois, a banda parou

² Em São Paulo, o casamento gay se tornou possível em dezembro de 2012, quando o TJ-SP publicou uma norma que o regulamentava. No país, a decisão sobre seu reconhecimento data de maio de 2013, obrigando todos os cartórios a converterem as uniões homoafetivas em casamentos civis. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2012/12/tribunal-divulga-norma-que-regulamenta-casamento-gay-em-sp.html>> e <<http://www.estadao.com.br/noticias/cidades,cnj-obriga-cartorios-a-celebrar-casamento-entre-homossexuais,1031678,0.htm>>. Acesso em: 22 set. 2015.

de tocar e uma coletânea de fotos do casal foi exibida em um telão, arrancando assovios e aplausos. Thomaz retornou à mesa e disse achar engraçado como aquilo tudo lembrava um casamento heterossexual “tradicional”, ao que rimos e concordamos. Após a exibição, um DJ entrou em cena. Bastante animado, Thomaz seguiu novamente para o meio do salão. Ao voltar, contou que encontrara a mãe de Wilson, que parecia feliz com a união do filho.

Em um pequeno *hall* que dava acesso aos elevadores, encontrei Roberto e conseguimos conversar um pouco. A essa altura, visivelmente afetado pelo álcool, perguntou-me como andava a pesquisa. Logo depois, Matheus apareceu e se juntou a nós. Thomaz surgiu com um casal de amigas e um pequeno grupo se formou. Como estávamos cansados, decidimos procurar os noivos para nos despedirmos – não sem antes surrupiarmos um punhado de bem-casados.

Comparecer ao casamento de Wilson foi certamente uma experiência marcante. Constituído, talvez, uma forma contemporânea do que Gluckman (1986) chama de *situação social*, o evento permitiu a observação *in loco* do usufruto de um avanço legal significativo. Sem dúvida alguma, tratava-se de uma celebração elitizada, que poucos poderiam custear, mas representava a possibilidade concreta do exercício de um direito coletivo. Estar ali com pessoas que compartilhavam desse mesmo sentimento de vitória era uma espécie de “consagração” de um percurso que vinha acompanhando desde que vira na televisão, na já longínqua década de 1990, uma reportagem mostrando o drama de Toni Reis e David Harrad para que o segundo, estrangeiro vivendo ilegalmente no Brasil, pudesse permanecer com o companheiro no país³.

Em uma série de entrevistas com homens homossexuais moradores da cidade de São Paulo⁴ – grupo do qual Wilson, Thomaz, Roberto e Guilherme faziam parte –, apontamentos sobre as disparidades entre o modo como viviam em seu passado e as possibilidades das quais podiam desfrutar na atualidade emergiram em diversos momentos, evidenciando transformações significativas no que concerne à experiência da homossexualidade masculina. Especialmente para os interlocutores que testemunharam, na adolescência ou juventude, os anos anteriores ao início do processo de redemocratização, comparar os tempos de outrora com o cenário contemporâneo era praticamente

³ Mais informações sobre o caso, cujo desfecho foi favorável ao casal, podem ser encontradas em Mello (2005).

⁴ Realizadas entre 2011 e 2013, as entrevistas integraram a investigação que conduzi para minha tese de doutorado. Foram entrevistados, no total, vinte homens, com idades variando entre 39 e 57 anos.

inevitável: de modo semelhante ao que ocorrera nos Estados Unidos com aqueles que fizeram da homossexualidade uma bandeira de luta a partir da revolta de Stonewall⁵, os entrevistados que chegaram a uma idade mais avançada advindos de circunstâncias bem menos favoráveis à expressão plena de uma sexualidade heterodoxa relatavam, com frequência, uma trajetória de vida marcada pelo sofrimento no que diz respeito ao manejo de sua orientação sexual. Isso não significa, porém, que o relato de interlocutores mais jovens fosse necessariamente mais feliz nesse quesito: mesmo na ausência de uma experiência permeada pela fase mais crítica da ditadura, discursos que apresentavam a própria homossexualidade como um fardo longamente carregado – ou, pelo menos, como um empecilho importante em certas esferas da vida – eram recorrentes.

Embora não constitua uma exclusividade daqueles que experimentaram, durante certo período da vida, uma atmosfera significativamente menos receptiva que a de hoje, a angústia decorrente de um autorreconhecimento, que poderia trazer consequências negativas se compartilhado abertamente, contava com um suporte social muito menor, o que aparece não somente no discurso de meus interlocutores, mas também em um conjunto de trabalhos recentes que exploram a trajetória de homens homossexuais de meia-idade e idosos no Brasil (PASSAMANI, 2013; HENNING, 2014; ZAMBONI, 2014). Em que pesem as possibilidades de exposição que começavam a se delinear no final da década de 1970, muitos deles ainda se deparavam – ou se deparariam logo mais – com dificuldades importantes em diversos segmentos de suas vidas. O aparecimento da Aids e sua vinculação inicial com a homossexualidade, pouco tempo depois, não colaboraram para que esses obstáculos fossem facilmente superados.

Dado que muitos dos meus interlocutores estiveram, em algum momento da vida, envolvidos em relacionamentos estáveis, as experiências amorosas – incluindo casamentos, ainda que não oficializados – eram pauta recorrente nas entrevistas e em muitas ocasiões ocuparam uma parcela importante do nosso tempo de conversa. Em associação com essa temática, estavam presentes as relações com a família de origem, bem como com ex-namoradas, ex-exposas e, como no caso de Wilson, com os filhos provenientes das uniões heterossexuais anteriores. Por mais que o foco da investigação não

⁵ Os motins de Stonewall tiveram lugar em junho de 1969, depois de inúmeras incursões policiais ao bar nova-iorquino, frequentado majoritariamente por gays, lésbicas e travestis. Cansados da repressão, os clientes decidiram reagir e confrontar a polícia, o que veio a dar origem ao Dia Internacional do Orgulho Gay e ao Gay Liberation Front (GLF). A iniciativa inspirou, ao longo dos anos seguintes, outras associações similares em diversos países do mundo (D'EMILIO, 1998; WEEKS, 1985).

se centrasse em conjugalidade, parentalidade ou experiências afetivo-sexuais, ficou claro que esses tópicos tinham grande relevância para a maior parte dos entrevistados.

Se por um lado sua abordagem, fosse espontânea, fosse provocada, funcionava como uma espécie de disparador para falarmos sobre temas mais amplos, como união homoafetiva e adoção de crianças por casais homossexuais, por outro, as histórias familiares e afetivas particulares pareciam conter, em si mesmas, elementos interessantes para pensar processos coletivos de transformação. Atravessadas por discursos que indicavam uma segurança subjetiva cada vez maior em relação à experiência da homossexualidade na esfera das relações pessoais, essas histórias me convenceram de que valia a pena adentrar em suas minúcias. Uma vez sendo impossível contemplar a totalidade das entrevistas, elejo aqui três casos para serem dissecados mais a fundo.

Traumas de infância, segredos e o testemunho das primeiras lutas: a história de um 'sobrevivente'⁶

Primeiro com quem tive a oportunidade de conversar, ainda numa fase muito inicial do trabalho de campo, Thomaz fazia parte do círculo pessoal de Matheus, amigo que me introduziu na rede na qual Wilson e vários outros interlocutores também estavam inseridos. Morador de um bairro de classe média da zona oeste de São Paulo, tinha 57 anos à época de nosso primeiro contato. No final de 2011, quase um ano após a primeira entrevista, retornei ao seu apartamento para conversarmos novamente.

Nascido em 1953, Thomaz foi, até o fim da pesquisa, o mais velho de meus interlocutores. Em nossa primeira entrevista, dedicou muitos minutos à lembrança de sua infância, vivida quase integralmente em uma pequena cidade no oeste do estado de São Paulo, onde desde muito cedo se experimentava sexualmente com outros meninos. Apesar de descrevê-las como bastante prazerosas, algumas dessas experiências tiveram um efeito negativo sobre ele, algo que atribui à sua preferência pela passividade no ato sexual: especialmente entre os garotos já adolescentes, que normalmente desempenhavam o papel ativo, sua fama de 'viadinho' começou a se espalhar. Uma experiência em particular contribuiu para o que se tornaria um trauma cultivado até a vida adulta: durante uma brincadeira sexual com um dos

⁶ Como convenção, utilizo aspas simples para termos nativos.

vizinhos em uma casa abandonada, a avó de um deles irrompeu pela porta e os questionou sobre o que se passava. Além do medo de que a história chegasse até seus pais – uma possibilidade acentuada pela presença de um dos seus irmãos no local –, Thomaz acredita que a vergonha de ter sido pego em flagrante 'dando' para outro menino abriu caminho para que mais colegas alimentassem a má reputação que o estigma de passivo lhe conferia⁷.

Filho de um comerciante e de uma professora, tinha três irmãos, sendo o segundo mais velho da prole. Aos 9 anos de idade, mudou-se para um bairro periférico da capital com a família, que procurava melhores oportunidades de trabalho. Diferentemente do que ocorria em sua cidade natal, contatos íntimos com outros garotos foram raros até o final de sua adolescência, em grande medida por conta do receio que tinha de que voltassem a estigmatizá-lo. Seu desejo pelo mesmo sexo, contudo, se tornava cada vez mais evidente, fazendo com que a adolescência fosse um período permeado por intenso sofrimento psíquico.

Além das dificuldades na esfera da sexualidade, brigas familiares por motivos diversos o levavam a evitar progressivamente o ambiente doméstico – sua grande válvula de escape era uma amizade que manteve, durante alguns anos da escola, com colegas de uma classe social mais elevada, cuja casa os pais permitiam que frequentasse durante os finais de semana. Sua existência vem à tona para explicar também o ingresso de Thomaz em uma terapia de grupo com um renomado psiquiatra, algo a que somente teve acesso em virtude da influência exercida por esses amigos, que já se consultavam com ele. Depois de dois tratamentos menos bem-sucedidos com outros médicos, Thomaz começava a se desvencilhar da ideia de que seria impossível ficar confortável com o fato de se interessar sexualmente por outros homens.

Ao terminar seus estudos no colégio, Thomaz ingressou na faculdade de Letras e desenvolveu uma forte amizade com duas colegas homossexuais, aproximando-se de uma rede de pessoas com a qual se sentia mais à vontade para vivenciar sua sexualidade sem grandes amarras. Embora constituído por rapazes que se relacionavam com meninas e separado da primeira rede, o grupo de amigos da escola se manteve e não demonstrou ter problemas com a homossexualidade de Thomaz, revelada pela primeira vez em uma das sessões

⁷ Sobre essas lembranças, é impossível deixar de notar a força que a dicotomia *bicha/bofe*, analisada por Fry (1982) em seu clássico texto acerca da construção histórica da homossexualidade no Brasil, parecia exercer no contexto de experimentação sexual vivido por Thomaz quando criança, relegando à *bicha* – ou 'viadinho', como o interlocutor conta ter sido chamado – uma posição de menor prestígio. Escrevendo contemporaneamente a Fry, Misse (2007) também chama a atenção para a inferiorização social que o passivo sofre na sociedade brasileira, o que o autor acredita ser o reflexo de uma misoginia generalizada na cultura ocidental.

de terapia que faziam juntos. A única ocasião em que relata algum grau de constrangimento diz respeito a uma festa de aniversário na qual tentou integrar as diferentes turmas, encontrando resistência por parte de um amigo, que temia a possibilidade de ser paquerado por outro homem.

Já durante a faculdade, Thomaz começou a trabalhar dando aulas e algum tempo depois saiu de casa, indo morar com amigas em uma região mais central da cidade. Anos mais tarde, conheceu um rapaz que se tornaria seu primeiro namorado e que o apresentou ao Grupo *Somos*, onde atuou até o 'racha' que o dividiu⁸. Ainda que nunca tenha sido um militante no sentido estrito do termo, preferindo evitar ações de panfletagem e discussões de caráter político, Thomaz acompanhou de perto alguns dos eventos mais importantes em que o grupo esteve presente, como I EGHO (Encontro de Grupos Homossexuais Organizados), em 1980⁹. De forma geral, sua lembrança sobre esse tempo é extremamente positiva: além das muitas amizades que lá desenvolveu e até hoje cultiva, a participação no grupo lhe despertava uma forte sensação de pertencimento e autonomia.

Ainda no início da década de 1980, Thomaz decidiu passar um tempo na Europa, onde acabou vivendo por dois anos. Embora os motivos de sua mudança não fiquem claros nas entrevistas, esse tópico veio à baila quando conversávamos sobre as vicissitudes do “assumir-se” entre os familiares, pois foi no período em que morou no exterior que essa questão começou a assombrá-lo. Sua irmã, para quem já havia feito o *coming out*, não apresentou grandes dificuldades com o fato de ter um irmão homossexual, mas ele temia que sua mãe, para quem se sentia impelido a compartilhar seu 'segredo', não lidasse bem com a revelação. É interessante, contudo, que as figuras masculinas não lhe despertassem a mesma preocupação, pelo menos em termos de uma eventual rejeição afetiva: ao indagá-lo sobre o pai, Thomaz se refere a ele como alguém 'desencanado', que jamais perguntaria se o filho era homossexual. Os irmãos, por sua vez, aparecem apenas como potenciais delatores – como temia que acontecesse após o episódio do flagrante em sua cidade natal – ou agressores físicos.

Ao retornar para o Brasil, Thomaz voltou a morar na casa dos pais, ainda que mais tarde viesse a comprar seu próprio apartamento. Junto ao

⁸ O 'racha' do *Somos*, descrito em várias obras que reconstituem sua trajetória, teve como causa principal divergências internas em relação à sua atuação em organizações político-partidárias: enquanto alguns membros achavam interessante que o grupo participasse ativamente delas, outros eram adeptos da ideia de que o *Somos* deveria se manter independente (MACRAE, 1990; GREEN, 2000; SIMÕES; FACCHINI, 2009; TREVISAN, 2011).

⁹ Para mais informações, ver Macrae (1990), Simões e Facchini (2009) e Trevisan (2011).

regresso, a tão temida revelação para a mãe aconteceu, embora de maneira involuntária: tendo mantido, durante sua estadia na Europa, um relacionamento com um rapaz estrangeiro, Thomaz continuou a se corresponder com ele através de cartas, e uma delas acabou sendo encontrada por sua mãe, que o confrontou. Em um primeiro momento, Thomaz negou que fosse homossexual, mas dias depois acabou contando a verdade. Bastante abalada, a mãe passou um longo período sem conversar com o filho, que chegou a propor a ela desaparecer de sua vida. Diante da possibilidade de perdê-lo, mudou radicalmente sua atitude, tornando-se, de acordo com Thomaz, uma grande amiga, além de ajudá-lo a manter, frente ao pai e aos irmãos homens, um silenciamento absoluto em relação à sua homossexualidade.

O retorno de Thomaz ao Brasil fez também com que tivesse contato com uma realidade que começava a preocupá-lo: o aparecimento dos primeiros casos de Aids no país. Embora a doença já estivesse sendo comentada quando de sua temporada no exterior, ainda era vista como algo distante, transmitida apenas por 'bichas americanas'. Nos anos seguintes, porém, notícias de pessoas conhecidas afetadas começaram a surgir e os primeiros amigos morreram. Desesperado com a possibilidade de vir a se contaminar, Thomaz passou a utilizar preservativos em todas as suas relações sexuais e afirma hoje se sentir, como alguns entrevistados de Gorman e Nelson (2004), um 'sobrevivente' – já que havia, até então, se engajado nas mesmas práticas que seus amigos contaminados, vindo inclusive a fazer sexo com pessoas que mais tarde morreram doentes. Um ponto alto de sua narrativa em relação a esse período diz respeito a um debate no teatro Ruth Escobar – mesmo local onde, alguns anos antes, o I EGHO havia tido lugar –, quando médicos se reuniram para discutir os impactos da Aids e informar o público leigo sobre métodos de prevenção. De maneira oposta ao que ocorrera no encontro de 1980, pico da sensação de pertencer a uma luta que visava a legitimação social da homossexualidade, a conferência com os médicos marcava, segundo Thomaz, um momento de destruição da esperança. Contrapondo um período ao outro, Thomaz utiliza o termo *decadência* para caracterizar o que sentiu durante o segundo, além de lembrar as perdas que vieram em decorrência do HIV:

[...] Logo quando começou essa história, teve uma palestra, uma conversa, com médicos, no teatro Ruth Escobar [...], e eu me lembro que eu tive uma sensação muito estranha, porque... justamente lá naquele teatro, o primeiro... o

primeiro congresso de grupos homossexuais que teve no Brasil foi em São Paulo, acho que foi em 1979, ou 80, por aí, e terminou justamente no Ruth Escobar. E foi uma coisa incrível, e tal... tava fortíssima essa história, o *Somos* tava no auge. E aí eu me lembro [que] a sensação que eu tive lá no Ruth Escobar foi horrível, porque há uns anos atrás tava todo mundo lá, feliz, alegre, contente, comemorando uma política de afirmação, e de repente tava todo mundo lá ouvindo falar de prevenção à Aids, e... vendo aquela decadência toda; senti uma coisa totalmente decadente, assim... uma impressão muito triste, que a gente tava falando de vida, de afirmação, e de repente a gente tava falando de morte. E o que se passou a partir daí foram os amigos que começaram a ir embora. Foi um, foi outro, foi outro, foi outro, enfim, perdi muitos amigos. Dez, por aí, no mínimo. Tem que fazer as contas.

Definindo-se como alguém pouco disposto a manter relacionamentos amorosos, Thomaz não relata nenhum outro namoro após seu período no exterior. Ainda que inicialmente se pudesse suspeitar que a escolha por ficar solteiro tivesse alguma relação com o aparecimento da Aids, essa possibilidade cai por terra quando diz ter continuado a manter uma vida sexual tão ativa quanto antes, embora alguns de seus amigos tivessem preferido a abstinência na fase mais crítica da epidemia – opção adotada por muitos diante da influência do poder médico e do catastrofismo veiculado pela mídia (PERLONGHER, 1987). Thomaz apresenta, contudo, duas teorias para explicar sua solteirice: a primeira delas está ligada ao 'coito interrompido' de sua infância, que faria dele um eterno frustrado, sempre em busca de uma experiência que o satisfizesse por completo. A outra diz respeito ao pai, alguém com quem nunca conseguiu manter uma boa relação e que considerava 'um fraco': nesse caso, também existiria uma busca mal sucedida, mas por uma figura masculina forte – 'o cara' –, que fosse o oposto do pai.

Apesar do tom melancólico que marca boa parte de seu discurso acerca das relações mais íntimas, Thomaz conta ter se empenhado, a partir de seus 40 anos, em um processo de autoanálise com o objetivo de amenizar alguns de seus traumas afetivos, decidindo, entre outras coisas, retornar à sua cidade de origem e rememorar lembranças dolorosas com o auxílio de seu terapeuta. Com o

passar do tempo, ele mesmo começou a pôr em xeque suas teorias sobre os porquês de estar solteiro há décadas e parece enxergar um saldo positivo em seus afetos, mencionando amizades de longa data e uma proximidade importante com alguns de seus familiares, especialmente a irmã e a mãe – com essa última, falecida pouco tempo antes de nosso primeiro contato, Thomaz relata ter mantido, desde a crise que quase fez com que cortassem laços, uma cumplicidade incomparável a qualquer outra de suas relações.

Da 'pegação' ao 'gay normal': percursos de um casamenteiro

Segundo interlocutor a quem tive acesso, Ronaldo também pertencia à rede de amizades introduzida por Matheus. Realizadas em seu escritório, igualmente em 2011, as duas entrevistas que conduzi com ele tiveram um intervalo de aproximadamente cinco meses entre elas. Na primeira, Ronaldo discorreu longamente sobre suas experiências sexuais e relações amorosas, conferindo à conversa um caráter quase confessional. Na segunda, mais curta e pontual, o foco recaiu sobre sua atuação em uma ONG/Aids.

Natural da zona norte de São Paulo, Ronaldo passou a vida na capital, mudando-se com frequência a partir do início de sua idade adulta, em virtude de flutuações financeiras e transformações em sua situação conjugal. Nascido em 1964, vinha de uma família de classe média baixa e possuía sete irmãos. Aos 18 anos, saiu de casa para se casar com uma mulher que conhecera um ano antes e com quem viria a ter dois filhos.

Embora já tivesse tido experiências com outros homens antes de conhecer sua futura esposa, Ronaldo relutava em reconhecer a própria homossexualidade, enxergando o casamento como um meio de evitar uma homofobia potencial – como dizia acreditar, viver em um bairro periférico acentuaria a pressão social para que se adequasse a um padrão heterossexual. Menos de um ano depois de se casar, no entanto, se apaixonou por um colega de trabalho e deixou a esposa para viver o romance que se estendeu por alguns meses. Após o rompimento, procurou a ex-mulher, que, mesmo ciente do que havia acontecido, aceitou reatar. Logo depois, ela engravidava de seu primeiro filho.

Determinado a investir na família que começava a estabelecer, Ronaldo se converteu, acompanhado pela esposa, a uma denominação protestante tradicional. Na igreja, envolveu-se em um grupo de jovens, no qual veio a assumir uma posição de liderança. Embora não houvesse, como em

algumas denominações mais recentes, uma proposta clara de reorientação para a heterossexualidade¹⁰, o grupo contava com outros rapazes que esperavam encontrar ali algum tipo de “libertação” de seus desejos homossexuais. A despeito do esforço, contudo, Ronaldo se via cada vez mais angustiado, percebendo-se atraído pelos próprios membros da igreja:

R: [...] Eu era do grupo de jovens, e eu sei que nunca funcionou porque eu desejava os jovens. O pessoal da minha idade, a gente fazia esporte – eu via homem bonito, gostoso, com o corpo bonito e gostoso, eu ficava com tesão! Então eu sabia que não tava funcionando. Mas tudo bem, eu tentava sublimar, falar em outras coisas e tal, mas... era constante, né? Eu tinha... e fora que eu também dava as minhas escapadas, né? Mesmo na igreja, eu saía, ia pra sauna – nunca fui em boate, mas ia caçar em cinema; lugar[es] onde as coisas aconteciam, eu tava lá.

G: Na própria igreja aconteciam coisas?

R: Nunca aconteceu na própria igreja, mas eu conheci na igreja outras pessoas que tavam enfrentando essa mesma luta interna.

Um dos locais que Ronaldo frequentava em suas 'escapadas' era o parque Trianon, *point* tradicional de 'pegação' e prostituição masculina em São Paulo durante a década de 1980. Um acontecimento em particular naquele espaço foi responsável por alimentar o medo que sentia de ter suas práticas reveladas aos parceiros de congregação: numa de suas incursões ao parque, uma batida policial lhe rendeu um longo sermão homofóbico e Ronaldo foi obrigado a fornecer informações pessoais a um dos policiais, que disse pertencer, como ele, a uma igreja protestante. Temendo que a história fosse revelada a seu pastor, ele mesmo decidiu procurá-lo e confessar o que havia acontecido, sendo estimulado a persistir em sua tentativa de abandonar a homossexualidade.

Alguns anos após esse acontecimento, seu segundo filho nasceu, mas uma nova paixão por outro homem fez com que Ronaldo desistisse, de uma vez por todas, de manter uma família nos moldes heterossexuais convencionais. Como na primeira vez, sua esposa tomou conhecimento do que se passava e os dois decidiram se divorciar. Naquele mesmo ano, Ronaldo abandonou a religião

¹⁰ Sobre o tema, ver o trabalho de Natividade (2006).

e foi morar com o namorado, que, coincidentemente, também era egresso de uma denominação protestante.

Ainda que a relação com a ex-mulher se mantivesse razoavelmente pacífica – Ronaldo via os filhos regularmente, chegando mesmo a passear com eles junto ao então companheiro –, o ressentimento provocado pela separação fazia com que ela não enxergasse com bons olhos seu novo relacionamento, repetindo insistentemente que Ronaldo morreria de Aids, algo reforçado pelo contexto social do momento: era 1987 e a epidemia se encontrava em seu auge no Brasil. Apesar de não cumprida, a “profecia” teve um efeito devastador sobre ele, que acreditou estar contaminado após o companheiro lhe revelar que possuía o vírus. Meses antes, os dois haviam feito um teste – com resultado supostamente negativo para ambos, embora Ronaldo somente tivesse visto o seu – e decidido manter relações sexuais sem o uso de preservativo. Felizmente, exames realizados posteriormente descartaram a possibilidade de sua soroconversão.

Com o desgaste que o diagnóstico e a mentira acarretaram, o rompimento se tornou inevitável, mas Ronaldo continuou a viver com o ex-companheiro até conhecer outro rapaz, com quem também viria a dividir um apartamento. Nessa época, cursava uma faculdade particular de direito e estagiava, esforçando-se para custear os estudos e pagar pensão aos filhos. Como forma de complementar sua renda, começou a trabalhar em uma boate gay, onde exerceu vários cargos. Além do dinheiro extra, o emprego lhe proporcionou contato intenso com esse meio, algo ainda inédito para ele. Na boate, conheceu aquele que viria a ser seu terceiro namorado.

Os anos seguintes foram marcados por acontecimentos importantes na vida profissional de Ronaldo, que finalmente se graduou e abriu seu escritório com dois colegas de faculdade. Já atuando como advogado, foi procurado pelo primeiro companheiro, que se encontrava bastante debilitado pelo HIV e desejava elaborar um testamento. Acreditando que pudesse haver procedimentos específicos no caso de pessoas soropositivas, Ronaldo procurou o departamento jurídico de uma ONG/Aids, cuja existência descobrira através de uma matéria de jornal. Interessado em auxiliar outros portadores da doença, ofereceu-se para integrar a equipe, mas foi obrigado a enfrentar o ciúme do namorado com quem estava, que não aceitava sua convivência cotidiana com outros homossexuais e a ausência frequente em viagens. Mais uma vez, Ronaldo protagonizava o término de um relacionamento amoroso.

Através de sua atuação na ONG, Ronaldo estabeleceu vínculos fortes de amizade e conheceu uma pessoa com quem veio a ter mais um romance,

embora de curta duração. Pouco tempo depois, contudo, um encontro realizado no litoral lhe apresentou a Alfredo, que na época também trabalhava em uma entidade voltada à prestação de assistência para soropositivos. Ao retornarem para a capital, apaixonaram-se e permaneceram juntos por quase dez anos. Apesar disso, foi um período marcado por dificuldades afetivas, quando, pela primeira vez desde que pusera um fim no casamento, via sua homossexualidade surgir como uma questão no âmbito familiar.

Se a relação com a mãe e os irmãos¹¹ não é alvo de grande problematização em sua narrativa – Ronaldo os apresenta como pessoas 'maleáveis', mencionando, inclusive, uma convivência tranquila com seus namorados –, o mesmo não ocorre quando os filhos entram em jogo na conversa. Ao discorrer sobre o relacionamento com os dois, Ronaldo centra sua fala nos conflitos que tiveram ao longo da adolescência dos dois, quando moraram no mesmo apartamento que ele. Embora parte desses atritos possa ser atribuída a dificuldades comuns na adolescência, alguns deles são apresentados por Ronaldo como tendo origem clara em uma não aceitação de sua homossexualidade.

Primeiro a chegar, o mais velho foi para a casa do pai aos 12 anos, fato motivado por problemas disciplinares com a mãe. Nessa época, Ronaldo e Alfredo viviam juntos e acreditavam que seu comportamento poderia melhorar com a mudança. No entanto, o efeito não foi o esperado: além de destruir objetos do apartamento, o filho começou a fumar e cometer pequenos furtos. Como a rebeldia continuou após um ano vivendo com o pai, Ronaldo e Alfredo decidiram que o menino teria de sair. Até o momento, entretanto, a homossexualidade de Ronaldo ou o fato de formar um casal gay não tinham sido postos em questão por Alfredo.

Passados cerca de dois anos, Ronaldo e Alfredo resolveram morar em casas separadas (embora continuassem a manter a relação). Ronaldo recebeu o primogênito de volta, algum tempo depois, quando já estava vivendo com o caçula. Ainda que tivesse um temperamento mais tranquilo e convivesse de maneira pacífica com Alfredo, o filho mais novo também trouxe problemas quando se tornou evidente que não estava à vontade com a homossexualidade de Ronaldo, escrevendo uma carta em que dizia não querer mais tê-lo como pai em virtude de ele ser homossexual. Através desse ato, o caçula expressava um descontentamento provavelmente já guardado há tempos, o que deixou Ronaldo profundamente abalado.

¹¹ O pai não foi mencionado em nenhum momento das entrevistas. Por acreditar que pudesse ser um tema sobre o qual Ronaldo não desejava falar, optei por não questioná-lo a respeito desse silêncio.

O filho mais velho, por sua vez, voltou a apresentar comportamentos rebeldes quando dividia a casa com o pai e o irmão, vindo a se envolver com o que Ronaldo chama de 'uma turma barra pesada'. Além de fazer uso de drogas na rua, o grupo reunia-se para espancar homossexuais na região do Largo do Arouche, o que parecia demonstrar, como Ronaldo acredita, que parte de sua revolta vinha de uma raiva contida por ter um pai gay. Em nenhum dos dois casos, encontrou-se uma solução imediata, mas alguns fatores facilitaram um convívio mais harmonioso: o caçula iniciou uma terapia que aos poucos o reaproximou do pai e o mais velho começou a se estabilizar profissionalmente, tomando contato com um novo círculo de pessoas. Além disso, uma das irmãs de Ronaldo passou a auxiliá-lo nas tarefas domésticas, o que acabou por conferir uma maior disciplina aos sobrinhos. É interessante notar aqui a convergência de dois segmentos da família – a de origem e a de descendência – como fator coadjuvante no restabelecimento de uma relação estremecida pela homossexualidade do genitor.

No período em que se separou de Alfredo, o que Ronaldo atribui a um desgaste natural do relacionamento, a convivência com os filhos já havia melhorado e um gesto inusitado do mais novo parece ter sido uma das provas: testemunhando o luto da separação, foi uma das pessoas mais presentes na consolação da perda que o pai havia sofrido. Sobre os relacionamentos amorosos seguintes, Ronaldo relata a continuidade de uma boa relação entre os namorados e os filhos, atribuindo eventuais conflitos a outras razões que não sua homossexualidade. Destaca, em acréscimo, o quão importante Alfredo permanecia sendo na vida dos dois.

Morando há algum tempo com Rafael, namorado que conhecera sete anos antes, Ronaldo mantinha um contato próximo com os parentes, algo potencializado pelo seu retorno ao bairro de origem, onde grande parte da família ainda vivia. Bastante querido pela mãe, pelas irmãs e até mesmo pela ex-mulher, seu companheiro estava presente em todas as festas de família. Embora esse tipo de convivência não fosse exatamente inédito, Ronaldo aponta diferenças com relação ao passado, quando seu estilo mais festivo – apesar de quase sempre monogâmico – parecia limitar a legitimidade de suas escolhas amorosas. De acordo com suas palavras, ele havia se tornado, especialmente a partir de seu envolvimento com um coral do qual Alfredo também participava, um 'gay normal', longe de qualquer estereótipo associado à boemia ou à promiscuidade:

R: [...] Depois do coral, a minha vida gay foi tendo outro desdobramento: o coral me levou para uma vida social, assim, mais familiar, então tem... eu

acho que até por isso que a minha convivência com a minha família...

G: Mais familiar, que você diz... no sentido de “menos gay”?

R: Menos balada, menos saída na noite...

G: Menos festiva, assim?

R: Isso, mais caseira. Então, minha vida social [se tornou] mais caseira, com festas, jantares ou viagens, com um grupo mais caseiro. E esse grupo, então, eu acho que acabou, sei lá, legitimando a minha normalidade: eu sou gay, mas eu sou um “gay normal”, eu não sou um gay que sai, que vai pra balada, não tenho uma “vida gay”.

G: E você acha que a percepção dos outros em relação a você foi uma coisa que mudou muito também por conta disso?

R: Eu acho que mudou. Eu acho que a minha família convive mais harmonicamente comigo por causa disso, por eu não ter uma “vida gay”.

Apesar da proximidade que mantinha com a maioria dos familiares, uma pendência afetiva dizia respeito ao filho mais velho, que, mesmo distante da rebeldia que marcara sua adolescência, ainda se mostrava resistente a encarar com naturalidade a homossexualidade do pai. Para Ronaldo, a homofobia explícita do passado teria dado lugar a uma insatisfação mais camuflada, fruto provável de sua conversão a uma igreja evangélica – ironicamente, algo do qual o interlocutor “fugira” décadas antes. Isso não impedia que os dois mantivessem uma excelente relação – o filho vivia no exterior e se falavam diariamente –, mas a tristeza de Ronaldo quanto ao fato de sua homossexualidade permanecer sendo um problema na esfera familiar era visível.

Terror, medo, culpa: Aids e a reinvenção de si

Diferente de Thomaz e Ronaldo, meu primeiro contato com Samuel se deu por intermédio de um grupo virtual no Facebook, embora viesse a descobrir mais tarde algumas conexões entre ele e a primeira rede de interlocutores. Ambas as entrevistas, realizadas em 2012, aconteceram em minha casa, com

um intervalo de oito meses entre elas. Em acréscimo às conversas mais formais, estabelecemos diálogos em diversos outros encontros.

Samuel tinha acabado de completar 41 anos quando nos encontramos pela primeira vez. Nascido na capital paulista, residia há dois anos em um bairro da zona norte da cidade, tendo morado, durante grande parte de sua vida, na região central. Era filho de pais separados que o tiveram muito jovens, tendo sido criado pelos avós paternos, por quem demonstrava nutrir grande afeto. Como Ronaldo, possuía muitos irmãos. Um aspecto que destacou logo no início de nossa primeira entrevista foi o fato de ter crescido em um meio com muitas mulheres, entre tias, primas e irmãs.

Samuel começou a trabalhar quando ainda era adolescente, algo sobre o qual falava num tom visivelmente orgulhoso. Tendo iniciado sua vida profissional em uma agência de viagens, trocou de carreira algumas vezes, até se firmar como produtor de eventos, trabalho que exercia há relativamente pouco tempo. Indagado a respeito de seu relacionamento com os colegas, conta sempre ter mantido um contato amistoso, falando abertamente sobre sua homossexualidade, sem que isso o trouxesse problemas. Sobre os tempos de faculdade, que não chegou a concluir, fala muito vagamente.

A infância é um período a respeito do qual Samuel praticamente não comenta, silêncio que talvez se justifique por sua ânsia em me falar sobre as primeiras experiências com a “vida gay”, que se deu por volta dos 15 anos de idade. Ao ingressar no que hoje se entende como Ensino Médio, foi para uma escola próxima de seu trabalho como tentativa de conciliar os estudos com a vida profissional que se iniciava, estabelecendo uma rede de amizades composta por meninos e meninas. Em determinado momento, um de seus amigos, um rapaz mais velho que Samuel já conhecia desde criança, revelou a ele ser homossexual e o apresentou a lugares gays que frequentava na cidade, onde eram acompanhados por outros adolescentes que também começavam a explorar sua sexualidade. Ainda que relembre carinhosamente desse período, sua fala assume um tom pesaroso quando começa a me contar sobre as perturbações que o acometeram pouco tempo após o início de suas incursões noturnas.

Vivendo a adolescência em um período coincidente com a emergência da Aids, Samuel, que diz ter sido desde cedo um ávido consumidor de informação, começou a acompanhar as notícias sobre o alastramento da epidemia, passando a despender grande parte de seu salário na assinatura de jornais e revistas. Apavorado com o que lia, afastou-se do convívio social e abandonou seus parceiros de balada, dando início a um processo de intensa autocondenação por sua própria homossexualidade. Alguns anos mais tarde,

ainda bastante atormentado, deparou-se com uma informação que acentuou seu estado aflitivo: um vizinho de rua, rapaz jovem que se suspeitava estar contaminado pelo HIV, acabara de falecer. Poucas semanas depois, outra perda veio a impactá-lo – dessa vez, o irmão de uma amiga, que Samuel conheceu meses antes, já doente.

Embora não relate ter perdido amigos íntimos e não caracterize nenhum dos conhecidos falecidos como homossexual – um deles era usuário de drogas injetáveis e o outro Samuel não especifica como contraiu o HIV –, a proximidade dessas mortes foi suficiente para deflagrar uma crise que culminou em um delírio hipocondríaco: além de se culpar constantemente por seus desejos, tinha certeza de que havia se tornado soropositivo, apesar de nunca ter se engajado, até o momento, em comportamentos que pudessem expô-lo ao vírus. Chegando ao cúmulo de jogar no lixo qualquer notícia sobre Aids que saísse no jornal para que não começasse a somatizar, foi procurar ajuda em uma 'análise freudiana pesadíssima' com uma psicóloga que o atendia três vezes por semana. Chama a atenção na narrativa um silenciamento quase total no que concerne à relação com a família durante esse tempo, ainda que a isente de qualquer responsabilidade sobre a gênese de suas angústias: ao contrário do que se poderia pensar, diz ele, sua criação não foi religiosa e nenhum julgamento de valor relacionando a homossexualidade masculina à epidemia era proferido em discussões familiares.

Passados alguns meses desde que dera início ao trabalho terapêutico, Samuel começou a melhorar da hipocondria e foi gradativamente permitindo a si mesmo se envolver afetivamente com outros rapazes, além de retomar suas incursões pelos ambientes gays de São Paulo. Sua maior conquista, no entanto, foi o ingresso, de maneira parecida com Ronaldo, em uma ONG/Aids, na qual veio a trabalhar por muitos anos, ocorrido a partir de um convite feito a ele por um membro da entidade. Vários anos já haviam transcorrido desde o começo da epidemia e Samuel tinha a sorte de integrar o grupo em um momento de menor assombro, pois o coquetel antirretroviral havia acabado de ser lançado¹². Lá, conta ter vivido uma fase extremamente entusiasmante em sua vida, dedicando grande parte do seu tempo ao trabalho voluntário. Embora não haja pormenores, fala também sobre paixões que experimentou nesse período. Outro ponto que destaca é a variação sociocultural e etária que existia na ONG, o que o forçou a ter contato com diferentes realidades dos atingidos pela epidemia:

¹² Os medicamentos antirretrovirais (ARV) consistem em um conjunto de remédios que evitam a multiplicação do HIV no organismo. No Brasil, são distribuídos gratuitamente pelo Sistema Único de Saúde (SUS) desde 1996. Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/Management_of_HIV/Aids> e <<http://www.aids.gov.br/pagina/quais-sao-os-antirretrovirais>>. Acesso em: 28 set. 2015.

S: [...] Quando eu cheguei lá, eles tavam no auge de cada um dar o seu depoimento, e como eles estavam sobrevivendo, porque eles estavam morrendo, [e] de repente eles começaram a reviver. Então, eu vi depoimentos da menina falando “Eu tava com 45 quilos, hoje eu tô com 54, eu tô bem [...]” E eu tava num processo de recuperação muito ferrado na minha mente, né? Eu precisava muito recuperar o meu tempo perdido e aceitar aquela história toda ali [...].

G: E as reuniões eram bem cheias?

S: Quando eu cheguei, no momento não; teve momentos da gente ter três, quatro salas. Aí eu ficava numa sala, outro coordenador na outra, outro coordenador na outra [...] E eu aprendi a lidar com muitas diferenças ali. Então, aprendi a lidar com travesti, com michê, com a prostituta, com a dona de casa, com a criança, com adolescente, com um médico PhD fodão [...], e aquilo foi me consumindo, e me consumiu com muita alegria. Em nenhum momento foi uma coisa pesada pra mim, nem triste. Eu vivi paixões lá dentro... eu consegui superar o medo, inclusive, [de] me relacionar com quem era soropositivo, e ter isso de uma forma... claro, com todos os devidos cuidados, mas de uma forma tranquila. Eu acho que a gente fez parte de um momento muito importante ali.

Os anos que se seguiram à sua atuação no grupo foram marcados por eventos de grande intensidade emocional, que envolveram diferentes instâncias de sua vida afetiva. O primeiro deles, que Samuel não desenvolve a fundo, diz respeito a uma relação conjugal bastante longa, cujo término se deu em função da dependência química de seu companheiro. O segundo, por sua vez, foi o falecimento de seu avô, vítima de um câncer – em seus últimos dias, disse ao neto que torcia para que este encontrasse um rapaz que cuidasse dele e o fizesse muito feliz, o que fez com que Samuel se arrependesse de não ter compartilhado uma parte importante de suas vivências com o homem que havia lhe criado¹³. O terceiro, finalmente, foi um acontecimento sobre o qual

¹³ Enquanto a avó, falecida um pouco antes, é apresentada como uma confidente – para quem Samuel sempre falou abertamente sobre seus relacionamentos e os lugares que frequentava –, com o avô nada era verbalizado. Apesar disso, a relação entre os dois sempre foi de extrema proximidade: daí, justamente, o arrependimento de Samuel.

havia falado apenas superficialmente em nossa primeira entrevista, vindo a esmiuçar de forma extensa no segundo encontro: uma tentativa fracassada de adotar uma criança.

Fruto de um desejo que Samuel diz ter nutrido durante muito tempo, sua decisão de se tornar pai começou a ser posta em prática ao redor dos 30 anos, época em que já possuía certa estabilidade profissional e acreditava ser capaz de criar um filho por conta própria. Tendo entrado com um processo que julga 'invasivo' e 'desgastante' junto à Vara de Infância e Juventude, esperou dois anos até que a sentença final, contrária ao seu pedido, fosse proferida. Segundo ele, o indeferimento foi motivado por uma atitude preconceituosa vinda da psicóloga que o avaliava, afirmando ter sido essa a única situação em sua vida em que foi vítima de homofobia: como justificativa para negar a paternidade a Samuel, a psicóloga responsável pelo caso disse que ele não teria a capacidade de fazer uma criança amá-lo. Como já expusera quando o indaguei pela primeira vez sobre seu convívio com os familiares, Samuel reiterou em vários momentos possuir uma relação muito tranquila com eles, o que veio à tona novamente ao relatar sobre o fracasso da adoção: tão decepcionadas quanto ele ficaram sua mãe, suas tias e suas irmãs, que acompanhavam o trâmite de perto e queriam ajudá-lo a criar o filho. Apesar de sua revolta com a decisão, que durava pelo menos até a ocasião de nossa primeira entrevista – quando disse não ter mais vontade de ser pai –, em nossa segunda conversa já considerava a possibilidade de uma nova tentativa.

Considerações finais

As experiências aqui reconstituídas dão conta de cenários oportunos para pensar em que medida histórias pessoais envolvendo homossexualidade, família, relacionamentos afetivo-sexuais e certo senso de amadurecimento proporcionado pela bagagem de vida se articulam a transformações maiores. Levando em consideração que as narrativas percorrem intervalos de tempo relativamente longos e se encontram inseridas em um contexto social fortemente impactado pela crescente visibilidade daquilo que hoje se conhece como “causa LGBT”, um olhar minimamente atento é capaz de depreender o que oferecem para uma análise indutiva. Muitas das vezes, o que me era descrito como um processo individual de mudança ecoava uma série de elementos acionados em outras entrevistas.

Atravessados por discursos que apresentam as relações familiares – tanto as de origem quanto as de descendência, no caso de Ronaldo – como eixo

em torno do qual giram suas principais experiências afetivas, os casos descritos aqui não constituem, sob nenhum aspecto, exceções ao padrão mais geral que encontrei durante a pesquisa: ainda que haja diferenças com relação ao grau de proximidade da família, todas as histórias incorporam-na como parte central da trajetória individual. Nos casos em que a homossexualidade do interlocutor se tornou, em algum momento, conhecida pelos parentes mais próximos, é possível observar uma paulatina caminhada em direção à “normalização” da diferença, seja no plano discursivo – como quando o avô de Samuel, em suas últimas palavras dirigidas ao neto, diz que quer vê-lo sendo cuidado por um rapaz –, seja em situações que testam, de alguma maneira, o reconhecimento pleno de uma relação homossexual – o casamento de Wilson, que contou com a participação de sua mãe, sua ex-namorada e sua filha, constitui provavelmente o exemplo mais visível.

Embora seja um tanto precipitado afirmar que a monogamia e/ou relacionamentos estáveis constituem o ideal máximo de realização pessoal dos entrevistados, a busca por um companheiro parece estar entre as prioridades afetivas da maior parte deles – mesmo Thomaz, que se diz avesso a compromissos, lamenta em alguns momentos o fato de se encontrar solteiro, buscando em traumas de infância ligados a uma iniciação sexual frustrada explicações para sua opção por relações mais fugazes. Como já destacado, o papel da terapia parece imprescindível, tanto em seu caso quanto em outros, para a formulação de hipóteses que justifiquem determinadas dificuldades emocionais – dentre tais dificuldades, conflitos internos que impediam uma convivência pacífica com a própria homossexualidade. Talvez menos presente nos dias de hoje, essa “incitação aos discursos” (FOUCAULT, 2005, p. 21) no contexto terapêutico como forma de possibilitar a vivência de desejos homossexuais reprimidos parece ter marcado a experiência de um certo grupo.

Enquanto alguns interlocutores descrevem ter mantido, até certa fase da vida, um percurso “errático” em sua trajetória afetivo-sexual, mencionando relacionamentos conturbados e períodos marcados pelo sexo descompromissado, outros parecem percorrer um itinerário mais “linear”, estabelecendo desde cedo parcerias estáveis. Ainda que presente em ambas as circunstâncias, é especialmente na primeira que a ideia de um aprimoramento de si aparece com força nos discursos, como se a capacidade de conduzir um relacionamento estável e duradouro representasse um ponto culminante desse processo. Mais uma vez, as relações com a família biológica entram em ação: como Ronaldo afirma muito claramente, fazer parte de um casal – principalmente se “tranquilo” e estável – pode ajudar a “limpar” a imagem negativa de promiscuidade frequentemente associada à homossexualidade

masculina (PERLONGHER, 2008), conferindo a ele um *status* privilegiado no âmbito familiar. Possivelmente, a essa imagem mais asséptica, é acrescido o fato de Ronaldo ser um pai presente e dedicado – hipótese que vale também para Samuel: apesar de ter falhado como pai potencial para o Estado, levou o processo de adoção até o final e mobilizou sua família a esperar ansiosamente pela chegada da criança¹⁴.

Um aspecto que merece ser salientado diz respeito às relações de amizade estabelecidas pelos interlocutores durante o período em que davam início ao seu contato com o “mundo gay”, o que normalmente é relatado como algo que tem lugar entre meados da adolescência e o começo da idade adulta. Em muitos casos, tais relações são apresentadas como uma abertura importante para um universo ainda muito pouco conhecido, cujo acesso era facilitado pela companhia de alguém que já fosse razoavelmente familiarizado com ele. O ponto para o qual quero chamar a atenção, entretanto, não está ligado a essa espécie de “iniciação”, mas à existência de uma cisão em relação às amizades heterossexuais que parece ter sido muito mais marcada no passado: em pouquíssimas histórias envolvendo redes de amizade entre o início da década de 1970 e o início da de 1990, ouvi relatos sobre redes compostas por pessoas de orientações sexuais distintas, algo que se contrapõe de maneira significativa ao que os interlocutores dizem sobre suas redes de amizade atuais.

Nas três histórias, a Aids exerce o papel de um inimigo invisível que delinea marcas profundas na modelagem de uma certa experiência de homossexualidade, ainda que não seja vivida de maneira exatamente igual por todos. Para Thomaz, que experimentou o período anterior à eclosão da epidemia, o aparecimento do HIV parece ter freado a continuidade de um movimento de libertação pessoal e política que atingia seu ápice entre o final da década de 1970 e o início da de 1980, momento em que se encontrava à procura de uma estabilização identitária. Como aponta Zamboni (2014), o período inicial da epidemia constituiu, para determinada geração, uma ruptura brutal não somente entre aqueles que se contaminaram, mas também para todos os que se encontravam próximos e compartilhavam de alguma forma esse sofrimento.

Ronaldo e Samuel, por sua vez, não medem palavras para mostrar o quão significativo foi o impacto da Aids para aqueles que se viam às voltas com

¹⁴ Aqui, traço um paralelo com o que aponta Seidman (2002) sobre o crescente desejo, por parte de muitos homossexuais norte-americanos, de viver o que o autor chama de “vidas comuns de classe média”, aproximando-se cada vez mais de um padrão heterossexual “tradicional” de família. É interessante notar que tanto Ronaldo quanto Seidman se utilizam da ideia de “gay normal” para falar a esse respeito.

suas primeiras investidas sexuais durante os anos em que a doença ainda não possuía tratamento eficaz, vitimando desproporcionalmente homossexuais masculinos. No caso de Ronaldo, a proximidade da epidemia tem um impacto direto em seu relacionamento com o primeiro companheiro, além de colaborar para a manutenção de um vínculo frágil com a ex-mulher, que se utilizava do pânico em relação à doença para chantageá-lo emocionalmente. Já Samuel é dono de uma história permeada pelo terror a respeito da infecção que o acompanhou por mais de uma década, afastando-o do convívio com os amigos e postergando o estabelecimento de relacionamentos amorosos.

Diferente de outros contextos, como, por exemplo, o estudado por Hall (2009) em sua pesquisa com homens homossexuais na República Tcheca, acredito que aqui a experiência da Aids pode ser considerada um evento crítico (SIMÕES, 2013) que delimita, em grande medida, o grupo analisado por mim. Em muitas narrativas, como as que destaco neste artigo, elementos que evocam preconceito social e o medo de contágio são constantemente acionados, afetando diferentes esferas das relações pessoais. Mesmo sem impactar diretamente seus corpos, a proliferação do HIV parece constituir, tanto entre os interlocutores mais jovens quanto entre os mais velhos, um fator de importância considerável para compreender a maneira como rememoram suas trajetórias e organizam subjetivamente um percurso acidentado que culmina em uma percepção positiva da própria homossexualidade.

Referências

- D'EMILIO, John. *Sexual politics, sexual communities: the making of a homosexual minority in the United States, 1940-1970*. London: University of Chicago Press, 1998.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: a vontade de saber*. São Paulo: Graal, 2005.
- FRY, Peter. Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil. In: FRY, Peter. *Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1982. p. 87-115.
- GLUCKMAN, Max. Análise de uma Situação Social na Zululândia Moderna. In: FELDMAN-BIANCO, Bela (Org.). *Antropologia das Sociedades Complexas*. São Paulo: Global, 1986. p. 227-344.
- GORMAN, E. Michael; NELSON, Keith. From a far place: social and cultural considerations about HIV among midlife and older gay men. In: HERDT, Gilbert; DE VRIES, Brian (Ed.). *Gay and lesbian aging: research and future directions*. New York: Springer Publishing Company, 2004. p. 73-93.
- GREEN, James N. *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: UNESP, 2000.
- HALL, Timothy McCajor. Stories from the second world: narratives of sexual identity in the Czech Republic across three generations of men who have sex with men. In: HAMMACK, Phillip L.; COHLER, Bertram J. *The story of sexual identity: narrative perspectives on the gay and lesbian life course*. New York: Oxford University Press, 2009, p. 51-77.
- HENNING, Carlos Eduardo. Paizões, tiozões, tias e cacuras: envelhecimento, meia idade, velhice e homoerotismo masculino na cidade de São Paulo. 2014. 422p. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.
- MACRAE, Edward. *A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da “abertura”*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.
- MELLO, Luiz. *Novas famílias: conjugalidade homossexual no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- MISSE, Michel. *O estigma do passivo sexual: um símbolo de estigma no discurso cotidiano*. Rio de Janeiro: Booklink/NECVU/IFCS/UFRJ; LeMetro/IFCS/UFRJ, 2007.
- NATIVIDADE, Marcelo. Homossexualidade, gênero e cura em perspectivas pastorais evangélicas. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 21, n. 16, p. 115-132, jun. 2006.

PASSAMANI, Guilherme Rodrigues. Velhice, homossexualidades e memória: notas de campo no Pantanal sul-mato-grossense. In: PASSAMANI, Guilherme Rodrigues. *(Contra)pontos: ensaios de gênero, sexualidade e diversidade sexual – cursos da vida e gerações*. Campo Grande: UFMS, 2013. p. 121-138.

PERLONGHER, Nestor. *O negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2008.

_____. *O que é AIDS?* São Paulo: Brasiliense, 1987.

SEIDMAN, Steven. *Beyond the Closet: the transformation of gay and lesbian life*. London; New York: Routledge, 2002.

SIMÕES, Julio Assis. Gerações e identidades homossexuais entre homens: narrativa, tempo, diferença. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 10. *Anais...* 2013.

SIMÕES, Julio Assis; FACCHINI, Regina. *Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2009.

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. Rio de Janeiro: Record, 2011.

WEEKS, Jeffrey. The meaning of diversity. In: WEEKS, Jeffrey. *Sexuality and its discontents: meanings, myths and modern sexualities*. London: Routledge, 1985. p. 210-245.

ZAMBONI, Márcio Bressiani. *Herança, distinção e desejo: homossexualidades em camadas altas na cidade de São Paulo*. 2014. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.